



José Ferreira Dias  
(Economista)

OPINIÃO

## Fiscalidade, acelerador ou travão ao desenvolvimento

A Política fiscal é um dos instrumentos de política económica de que os governos se servem, na gestão orçamental, para a consecução dos objectivos traçados, que se pretendem, em ordem ao bem-estar económico e social das comunidades.

Com base nos rendimentos correntes estimados, provenientes das empresas, particulares e outras, designadamente sob a forma de impostos e taxas, o governo fixa o montante da despesa de funcionamento. As despesas de investimento, pela sua natureza não corrente, são alimentadas por financiamentos adequados na forma e no montante, cujo serviço da dívida seja compatível com os meios libertos de uma exploração corrente adequada.

As empresas, de forma directa e indirecta, são os grandes financiadores do orçamento. Daí que a sua vitalidade seja determinante para a economia, e não só. Uma razão acrescida para que os governos tenham, para com elas, políticas fiscais amigas e não agressivas. Mas nem sempre isso acontece. Na linha do orçamento anterior, para 2018, o governo segue a mesma linha de penalização. O aumento da derrama para as empresas com lucros superiores a 35 milhões de euros, a limitação ao valor do custo fiscal por imparidades e outras, os elevados níveis de tributação sobre os salários e a rejeição às alterações no IRC, são alguns dos exemplos que oneram as empresas e mostram, claramente, uma política fiscal que desincentiva o investimento, põe em causa o emprego, o desenvolvimento da economia.

Não aproveitar o ciclo económico favorável mundial para fortalecer o tecido empresarial é pôr em causa a estabilidade da economia para o futuro, onde certamente nos esperam períodos de estagnação ou mesmo depressão. Diz o povo, e com muita razão "quem vai para o mar avia-se em terra". Sejam responsáveis. Não embarquemos em aventuras eleitoralistas. Cuidemos do futuro.

ERRATA

Na nossa última edição, sobre a Lactovil, Lactínios de Trancoso, Lda., ao tratarmos as ligações à Lacti- Pedros, SA, referimos a sede desta empresa em Moimenta da Beira, quando era em Aguiar da Beira. Do lapso pedimos desculpa aos nossos leitores e empresas envolvidas.

■ GRUPO FTD - FUMEIROS TERRAS DO DEMO

## UMA VISÃO ALARGADA DO NEGÓCIO TRADICIONAL



O Grupo FTD, empresa de gestão e capitais familiares, insere-se na área alimentar, desde a transformação de carnes frescas aos fumados e aos doces. Nasce em Vila Nova de Paiva, a partir do negócio de gado e rede de talhos, e da visão e determinação do seu fundador, José Carreira Cardoso. Dialogamos com Diogo Cardoso, um dos filhos do fundador e CEO do grupo, sobre esta evolução meteórica, que, em 20 anos, transforma um pequeno negócio local /regional numa dimensão nacional /internacional.

**Conte-nos, em linhas gerais, como foi esta evolução?**

O meu Pai, iniciou-se como comerciante de gado em Vila Nova de Paiva. Posteriormente desenvolveu uma rede de talhos. Como fazia alguns fumeiros, para legalizar esta actividade cria, em 2000, a Salsicharia e Fumeiros Tradicionais do Alto Paiva, Lda. Agora era preciso crescer. Em 2006, assumi a vertente comercial da empresa. Com actividade inicial no distrito de Viseu, passámos aos grandes centros de Porto e Lisboa. Em 2009 entramos na grande distribuição. Em meados de 2014, face à expansão comercial, as instalações existentes de 1 000m<sup>2</sup> de área coberta mostram-se pequenas. Impõem-se um redimensionamento da área produtiva. Elaborámos um projecto, integrado nos fundos estruturais. Entretanto, em 2016, surge uma oportunidade de aquisição da empresa Fumeiros Terras do Demo, caída na situação de insolvência. O projecto inicial é preterido pela aquisição e recuperação desta. Agora com uma capacidade produtiva capaz de responder ao novo nível de procura. Surge então o Grupo FTD Alimentação SA, constituído pelas duas empresas Salsicharia e Fumeiros Tradicionais do Alto Paiva, Lda. (Vila Nova de Paiva) e Fumeiros Terras do Demo, Lda. (Armamar). Neste novo quadro, para além da transformação tradicional, com um mais alargado portfólio de produtos de charcutaria, surge com uma gama de fiambres e bacon fatiado, frescos e congelados e matadouro.

**Qual a realidade actual do grupo?**

Passamos de 3,5 milhões de euros de vendas (2016) para um valor de fecho previsível superior a 10 milhões de euros (2017). Ao nível nacional, consolidámos a nossa posição, via mercado tradicional, (40%) e grande distribuição (40%). No mercado internacional melhorámos a nossa quota de penetração (20%). Ao nível da empregabilidade, somos na região de Vila Nova de Paiva o maior empregador privado e relevantes na região de Armamar. De 30 colaboradores (2016) passámos para 100 (2017).

**Quais as linhas de acção para o Futuro?**

2017 foi o ano da aquisição da unidade de Armamar, a respectiva reestruturação e inserção no nosso modelo de ne-

gocio orientada para o crescimento. Uma operação ainda não concluída. 2018 será o ano de conclusão da reorganização e consolidação do grupo, tendo como objectivo o crescimento na ordem dos 20%. Não obstante as dificuldades que nos envolvem, temos como linhas de actuação sedimentar a nossa posição junto dos actuais clientes, desenvolver os nossos produtos, sempre na linha da inovação e melhoria qualitativa, e incrementar a exportação.

**Que dificuldades são essas que os envolvem?**

Olhe em primeiro lugar somos uma empresa do interior abandonado pelo poder e desertificado. O custo logístico, quer na vertente da venda, quer da compra, coloca-nos numa desvantagem relativa perante o litoral. A mão-de-obra qualificada não existe localmente. Temos de migrar, do litoral ou grandes centros, a custos exorbitantes.

**Perante este quadro o que fazer?**

O poder político tem de considerar o interior como território nacional, conferindo ao sector empresarial, aí sediado, as condições de enquadramento do litoral. Enquanto o governo não atacar o problema com medidas estruturais relativas às vias de comunicação e outras, deve, de imediato, apoiar a contratação de mão-de-obra, através de um apoio complementar directo ao trabalhador, sobre o salário mínimo a suportar pela empresa.

PUB

viriato  
farmácia



DESEJAMOS  
A TODOS  
UM BOM ANO  
DE 2018

Avenida da Bélgica Lote 150 R/C  
3510 - 159 VISEU

232 415 137 • 967 716 732  
geral@viriatofarmacia.pt  
www.viriatofarmacia.pt

siga-nos em: